

## APRESENTAÇÃO

### MACHADO: Cronista, contista e romancista

Com este número, a revista **Verbo de Minas** – Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, vem consolidar seu compromisso com a periodicidade na divulgação dos estudos contemporâneos em Literatura Brasileira, mediante as importantes contribuições de pesquisadores de diversas instituições de ensino do Brasil e do exterior.

A expectativa do presente número é a de trazer para professores, alunos e demais leitores de Machado de Assis reflexões que contribuam para a melhor fruição da obra de um de nossos mais geniais artistas da palavra, do quem, neste “ano da graça” de 2008, lembramos os cem anos de falecimento.

A revista é dividida em três partes, sendo a primeira, intitulada “Cem anos sem”, dedicada a artigos sobre o homenageado; a segunda – “outros textos”, publica as colaborações de tema livre e a terceira é dedicada a resenhas críticas.

Abre o presente número uma reflexão de Regina Félix (UNCW) sobre a estratégia memorialística de Machado de Assis, em **Memórias póstumas de Brás Cubas** (1881) e de Carmem Dolores, autora de **Gradações / Páginas soltas** (1897) cuja atuação é metaforizada nessas narrativas, já que “seus narradores são personagens escritores”.

Com uma apaixonante leitura interdisciplinar entre Literatura e Psicologia, Teresinha V. Zimbrão da Silva (UFJF) faz uma análise embasada na teoria de Jung do conto “A cartomante”, de Machado.

Joaquim Branco (FIC) destaca a presença de temas musicais em contos machadianos.

Em original e profundo estudo, Cláudia Poncionni (Universidade de Paris X) procura demonstrar que Carlos Drummond de Andrade, como cronista, teve por paradigma simbólico as crônicas daquele que ele batizou como “o bruxo de Cosme Velho”.

Borges e Machado, separados no tempo (sessenta anos) e no espaço (Brasil e Argentina), têm contos homônimos: “O imortal”. Ângela Gutierrez (UFC) nos apresenta coincidências entre ambos, não só no título, mas na temática da



imortalidade da obra literária.

Dalma Nascimento (UFRJ) levanta traços sobre memória e modernidade no romance **Memórias póstumas de Brás Cubas** que, segundo ela, em sua leitura crítico/filosófica, instaura o novo em convivência com o antigo.

Em “Na relva jaz uma serpente” a pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbiosa, Marta de Sena, demonstra que, no romance **A mão e a luva**, já aparecem as linhas da ambigüidade e da dissimulação que seriam as marcas de genialidade de Machado.

Eliane Santana Dias Debus ( UNISUL) apresenta a recepção crítica às obras de Machado de Assis em dois momentos – a produzida no século XIX, por Sílvio Romero e aquela de 1930, por Lúcia Miguel Pereira.

A “prata da casa” também colabora com nossa revista: Nícea Helena Nogueira, em estudo comparativo abrangendo as literaturas inglesa e brasileira, destaca semelhanças entre **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, e o romance **Tristram Shandy** do irlandês Laurence Sterne, à luz da teoria bakhtiniana sobre monologia e polifonia.

Encerrando esta parte, o artigo de Marília Rothier Cardoso (PUC-Rio) que, acompanhando o irônico olhar de Machado sobre a moda e costumes de seu tempo, nos coloca como contemporâneos e cúmplices desse cronista que olha o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro com sua “graça perversa”.

Na seção “Outros textos”, são apresentados ensaios que fogem à temática dominante nesta edição e dedicam suas considerações a outros autores. O primeiro, de Maria José Ladeira Garcia (FIC), coloca em evidência a presença da *mise en abyme*, como recurso estilístico na narrativa de Elias José, escritor do interior de Minas Gerais, cuja obra não tem circulação nacional, mas se enquadra em nossa linha de pesquisa, “Literatura Mineira: o regional e o universal”.

O segundo artigo, de Angélica Soares (UFRJ), faz uma aproximação entre Cecília Meireles e Adélia Prado, destacando a presença da imaginação em seus poemas de cunho memorialístico.

José Fernandes (UFGO e UNIVERSO) analisa o conto “A partida do trem”, de Clarice Lispector, sob uma perspectiva existencialista e conclui que sua linguagem atinge uma dimensão metafísica.

André Monteiro Guimarães Dias Pires (CES/JF), em diálogo com a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, procura explicitar a relação entre literatura e



vida na antropofagia de Oswald Andrade.

Nossos agradecimentos aos autores que aqui apresentaram seus artigos e continuamos a oferecer-lhes esta revista como espaço de intercâmbio de idéias, na área de Literatura Brasileira.

Não podemos esquecer a importante participação do Professor Doutor Paulo Bonfatti e da Bibliotecária Alessandra C. C. Rother de Souza, no cuidadoso trabalho de revisão de textos, e no acompanhamento indispensável nas complexas etapas da editoração.

**Thereza da C. A. Domingues**

P/ Comissão Editorial